

Ano 64.º — N.º 24

Sábado, 17 de Junho de 1967

O COMERCIO

DA PÓVOA DE VARZIM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
OFICINAS D'«O COMERCIO» - Tel. 62391

JORNAL REPUBLICANO E DEFEN-
SOR DOS INTERESSES LOCAIS

Director, Editor e Proprietário
Manuel Agonia Frasco

PORTUGAL NO MUNDO

Continuado da página 1

usam vocabulos nossos. A palavra «Catana» que existe no Japão, foi para lá levada por compatriotas nossos. E seria fastidioso enumerar tantos e tantos exemplos, de que a nossa história é bem pródiga, que atestam como Portugal «deu novos mundos ao Mundo», e até onde chegou a cultura, a civilização e a influência portuguesa.

Os anos rolaram, e pouco a pouco se foi estruturando a verdadeira nação portuguesa, constituída como todo sabem por Portugal Metropolitano, Ilhas Adjacentes e Portugal Ultramarino. Com a vastidão enorme de terras inexploradas, com uma massa imensa de gentio ignorante e aguerrido, não foi para nós tarefa fácil fazer a pacificação de todo o território, onde tremulava a Bandeira Nacional. Não nos bastava a nós os graves problemas internos, quanto mais vermos-nos envolvidos em pouco mais de três décadas, em duas guerras mundiais! E sempre soubermos nessas horas trágicas, manter e respeitar antigas alianças, o que nem sempre nos aconteceu em sentido inverso.

Com os ventos da história, como é uso agora dizer-se, Portugal tão respeitador e tão amigo duma política de boa vizinhança, viu-se pouco a pouco ultrajado e despojado do seu património.

— Quem poderá esquecer a humilhação que para nós foi, a expulsão da nossa Índia?

— Quem poderá olvidar o que se passou em São João Baptista de Ajuda?

— Quem poderá ignorar o que se passa actualmente em Angola, Moçambique e Guiné?

Com a independência prematu-

ra dos novos países africanos, a noção de dignidade, de fraternidade foi simplesmente posta de lado. Quando esses povos inexperientes e novos tomaram conta da maioria dos lugares dessa «Babel» que é hoje a desacreditada O.N.U., souo para Portugal a hora de graves provações. Desencadeara-se o terrorismo com a desculpa de que era necessário combater o papão do colonialismo. Apesar de tudo, nós continuamos sem desfalecimentos a tarefa a que há muito nos propuseramos: a de constituir o exemplo mais flagrante da integração multi-racial. Não há só obra de europeus, nem obra só de africanos. Há obra sim do povo português em conjunto, europeus e africanos unidos num esforço único, empenhando-se em provar ao Mundo que é possível a harmonia entre as raças, na criação de uma obra comum.

A tradição ultramarina criou-nos deveres e responsabilidades que jamais poderemos olvidar. Como homens que conheceram muito mundo, os portugueses passaram no mundo muitas e grandes coisas, amarga e sofridamente, que essa é a condição de quem se aventura a pôr a casa na praça. Mas casa honrada é sinal de boa gente, em que labor se acompanha de fé, o entusiasmo pede sacrifício e a vida não se aparta de Deus. Já em vários séculos da nossa História sofremos agravos, sobressaltos e penas, e nunca lhe voltamos a face, corridos pela intimidação ou pavor. Confiadamente, aparámos os golpes, ainda dos que pareciam mais violentos e temerosos, porque a razão sempre pôde muito em nossa casa e uma espada sempre valeu para qualquer sucesso. «A portugueses com o capacete na cabeça não lhes tomam assim a fortaleza», dizia Afonso de Albuquerque no século XVI, podemos nós dizê-lo no século XX.

Conclui no próximo número

AS FOGUEIRAS de Santo António

A tradição vai desaparecendo pouco a pouco. Talvez porque os tempos não correm propícios a folias, o certo é que a noite e o dia de Santo António que em anos atrás eram festejados ruidosamente pela mocidade que procurava dar largas ao seu entusiasmo e à sua alegria, passaram este ano quase despercebidos.

Será que a mocidade de hoje não vibra nem tem mais a alegria da mocidade de outrora? E' bem natural que assim suceda. E até por isso mesmo estão a ficar em desuso os folguedos populares em que o povo cantava, bailava e pulava em redor das fogueiras que crepitavam até altas horas da madrugada.

Folguedos de Santo António! Que saudades temos dos nossos tempos de menino e moço...

AINDA E SEMPRE

Continuado da página 1

Disse-lhe do enfeitamento pela Terra e só lamento que não sigam os meus conselhos e as minhas insinuações nos vários assuntos. O resultado está a ver-se: a Póvoa cada vez mais dividida, os seus valores aparentes agarrados a mitos e a verdadeira economia a viver de camuflagens.

Agora que o porto vai em bom andamento, urge organizar as indústrias subsidiárias.

Se não fosse o receio de me-

Gêmeas...

Á sincera Valdemira

Tenho tanta coisa para te dizer tanta coisa necessária e bela Nós que não invejamos os outros nem ficamos tristes... por não sermos andorinhas

Nós... que nem uma só vez desesparamos...

Eu te digo amiga, onde quer que te encontres, anda ter comigo serenamente. Vem.

Vamos falar novamente nas madrugadas leves, cheias de esperanças, de crianças que sorriem, de frutos e flores.

Sim, Amiga, vamos falar mais uma vez de tudo quanto é belo e humano urgentemente.

Esqueçamos que no Céu... há também solidão e bombas atómicas, unindo novamente nossas mãos.

Junho — 1967

G. M.

Padaria Aluga-se para fabrico de pão de milho e trigo, na freguesia de Faria — Barcelos. Informa José Bernardino Oliveira da Silva.

MOVEIS CASTELO
MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS
DE AUGUSTO DIAS S. CASTELO
exposição permanente
RUA DA PONTE — POVOA DE VARZIM
FILIAL EM SANTO TIROSO — FABRICA EM PAÇOS DE FERREIRA

OBRAS DE ROCHA PEIXOTO

Em edição da Câmara Municipal, acaba de ser publicado o I Volume das Obras do eminente cientista poveiro António Augusto da Rocha Peixoto — Estudos de Etnografia e de Arqueologia.

Primorosamente apresentado o volume que nos foi gentilmente oferecido é digno de figurar nas estantes dos estudiosos que se dedicam aos ramos da ciência a que se dedicou Rocha Peixoto e nas de muitos poveiros que através dele ficam a conhecer melhor o que foi a acção do seu eminente conterrâneo.

Contem mais de 400 páginas, insere muitas dezenas de gravuras e abre com uma Nota do sr. P.º Manuel Amorim, vereador do Pelouro de Cultura, e a Organização e Prefácio com variadíssimas notas, são do dr. Flávio Gonçalves.

Porque se trata de uma obra que não pode ser lida a correr antes merece a devida atenção, prometemos para um dos próximos números a apreciação ao I Volume das Obras de Rocha Peixoto.

Vende-se Uma casa nas Fontainhas, junto à estação. Falar com o sr. Queirós, no mesmo lugar.

Continuado da página 1

energias já depauperadas... Passou-se a primeira hora de expectativa, e a segunda também. Impaciente, chamei pelo empregado que, solicitado, na verdade, se aproximou, com uma mão descaída e outra ao peito, engessada por qualquer acidente, e fizemos a primeira reclamação. Que tivéssemos paciência, que era só um instantinho... Por fim, vieram as marmotas com um pouco de salada. Mas, oh! céus! O peixe estava «moído». Entretanto perguntávamos ao empregado:

— Afinal, o caldo verde, quando é servido?

— Ah!, perdão, já me esquecia. Servimos no final!

Iamos a meio com as marmotas quando notamos que na mesa não havia ainda vinho nem pão...

De novo ao empregado: — Afinal, também se esqueceu do pão e do vinho?

— Ah!, desculpe...

Três pães para duas pessoas, pão decerto destinado a pão ralado,

O ANTI-TURISMO na Praia da Póvoa

cozido há 8 dias... Pouco depois chega o vinho. Quando fomos para o beber, não havia copos na mesa!...

Entretanto, um vozear importuno pairava por toda a sala. Toda a gente reclamava. Não havia pão, não havia vinho, não havia nada para comer, os comensais começaram a desertar e a sala ficou reduzida a três ou quatro mesas!

Quando o bife foi servido, acompanhado de arroz requecido, cozinhado no dia anterior, foi outra tragédia. Nem a serrote se podia trinchar!

Seguiu-se o caldo verde, para um; o outro, aguardou que o fossem fazer.

Chegou a fruta. Duas amostras de bananas e seis damascos lambuzados do tamanho de azeitonas...

A' conta acrescentaram 10%, para serviço (mas que rico serviço!) e 3,1%, para Turismo.

Creio bem que a Póvoa perdeu turistas com este almoço a favor de Vila do Conde, para onde fui acabar de almoçar e, com certeza, todos os outros «patos» que por ali passaram.

Estamos crenes que uma salutar fiscalização por parte da Comissão de Turismo resolveria este e outros casos, verdadeiramente anti-turísticos.

J. V. M.

N. da R. — O correio trouxe-nos um destes dias o desabafo que publicamos acima de um querido camarada, director de dois semanários — João Vilarandelo Moraes.

Como poveiros que queremos ver exaltado sempre e em todos os lugares o nome da Póvoa, lamentamos tudo o que se passou que é muito aborrecido e muito sério. Desta forma não se faz turismo. Como muito bem diz Vilarandelo Moraes, em vez de turismo, faz-se precisamente o contrário: anti-turismo.

O nosso camarada, pelo visto, foi infeliz. Mas a Póvoa tem muitos restaurantes e pensões que servem bem e não os podemos medir todos pela mesma tabela. Tem que haver excepções. E Vilarandelo Moraes que conhece a Póvoa, que a tem visitado imensas vezes sabe que assim é. Foi infeliz desta vez. Que fazer? Pode ser que a reprimenda de agora sirva de lição. E' o que esperamos e desejamos, no próprio interesse da Póvoa.

Casamentos na manhã de Santo António

uma iniciativa do «Diário Popular»

A exemplo do que vem fazendo consecutivamente nos nove últimos anos, o nosso prezado colega «Diário Popular» promoveu na terça-feira, uma vez mais, os tradicionais casamentos da Manhã de Santo António. E' uma iniciativa que tem muito de louvável pelo magnífico auxílio que prestou a 60 novos casais que vão enfrentar a vida, que antevemos seja feliz e venturosa.

O considerado vespertino conseguiu interessar uma grande parte da população de Lisboa nas cerimónias dos casamentos a que se associou o presidente do município em representação da edilidade lisboeta.

As nossas felicitações ao «Diário Popular» pelo êxito que teve a sua bela iniciativa, esperando que tenha continuidade em anos futuros.

Curso Preparatório de Admissão ao Instituto

Falar: Rua Cidade do Porto, 52-a.ª A Póvoa de Varzim.

Carros Usados

PARA VENDA

AUTOMÓVEIS	
Opel Rekord	1957
Ford Zodiac (barato)	1957
Opel Rekord	1955
Peugeot 203	1955

FURGONETES MISTAS	
Morris 850 (como nova)	1965
Citroen 2 CV.	1964
Opel Caravan	1957

José Félix & Filhos, L.da
GARAGEM VILA DO CONDE
Telefone, 63328 Vila do Conde

Efemérides Poveiras

JUNHO

11-1870 — A «Gazeta da Póvoa de Varzim», primeiro jornal poveiro, anuncia ter sido festejado com pompa, na igreja da Lapa, o milagroso Santo António «advogado dos maus vizinhos e de testemunhos falsos».

14-1916 — Os alunos do Liceu da Póvoa realizam uma visita de estudo aos monumentos nacionais de Rio Mau e Rates, junto dos quais eruditamente prelecionou Monsenhor Lopes Ferreira.

17-1917 — E' fulminado por um raio quando se abrigava, próximo da Estrela debaixo duma árvore, o estimado poveiro Raúl Lopes Anjo de Faria, sobrinho do Capitão António José de Faria e próximo parente de algumas das mais consideradas famílias locais.

18-1917 — Na igreja de Fornelo, Vila do Conde, Euclides Medeiros de Campos consorcia-se com D. Felicidade Vilas Boas, filha do considerado capitalista local, José António de Vilas Boas. Os noivos haviam escolhido este dia para o seu promotor consórcio por ser o do aniversário natalício de Manuel António Gomes de Campos, estimado tesoureiro da Misericórdia desta vila.

20-1942 — A benemérita Liga Portuguesa de Profilaxia Social apoia, em exposição enviada ao Ministério da Educação Nacional, a sugestão do Dr. Vasques Calafate, expandida em artigo da sua lavra em «O Comércio do Porto» de 16 do mesmo mês e ano, para a compra da Casa do Infante D. Henrique e para a instalação no histórico imóvel portuense de um Museu Náutico da época das Descobertas.

Automóvel de Alquiler

Autocarros de luxo para excursões no país e no estrangeiro

Garagem Themoteo

Telef. 62 051

Póvoa de Varzim

Encarrega-se de restauros de pintura, douramentos, restauros de imagens antigas, estofos, pintura de móveis de todos os géneros, restaura de telas, etc.

Zacarias Nunes Bento

EXECUTA-SE TODA A PINTURA DE ARTE ANTIGA

Rua de Nova Sintra, 353 POVOA DE VARZIM

Vendem-se

Duas moradas de casas, com rés-do-chão e primeiro andar, na Praça Marquês de Pombal com os n.ºs 10 e 11. Aceita propostas: Dr. Arminado Graça, Póvoa de Varzim.

Augusto Dias

L. G.